



25°enancib

Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação
Informação, Decolonialidade e Direitos Difusos para o Desenvolvimento Sustentável

3 a 7 de novembro de 2025 – Rio de Janeiro



XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXV ENANCIB

GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

CONTORNOS DA MATERIALIDADE EM BERND FROHMANN: APROXIMAÇÕES E REFLEXÕES

CONTOURS OF MATERIALITY IN BERND FROHMANN: APPROACHES AND REFLECTIONS

Fábio Liberal Ferreira de Santana – Universidade de Brasília (UnB)

Rodrigo Rabello – Universidade de Brasília (UnB)

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: este ensaio parte do conceito de materialidade formulado por Bernd Frohmann, com o objetivo de investigar suas origens e implicações teóricas. Para isso, percorre três itinerários: a retomada dos sentidos históricos e filosóficos do termo “matéria”; a análise da tradição do materialismo histórico-dialético e sua concepção ampliada de materialidade; e a discussão da noção foucaultiana de materialidade do discurso. A articulação dessas abordagens busca situar e aprofundar a compreensão da “ontologia documentária” proposta por Frohmann, evidenciando sua relevância para o entendimento crítico dos processos informacionais na contemporaneidade.

Palavras-chave: materialidade; documento; Frohmann; discurso; materialismo histórico.

Abstract: this essay departs from the concept of materiality developed by Bernd Frohmann, aiming to investigate its origins and theoretical implications. To this end, it follows three paths: a review of the historical and philosophical meanings of the term “matter”; an analysis of the tradition of historical-dialectical materialism and its expanded conception of materiality; and a discussion of Foucault’s notion of the materiality of discourse. The articulation of these approaches seeks to situate and deepen the understanding of the documentary ontology proposed by Frohmann, highlighting its relevance for a critical understanding of informational processes in contemporary society.

Keywords: materiality; document; Frohmann; discourse; historical materialism.

1 INTRODUÇÃO

A digitalização dos documentos e a aparente desmaterialização da informação, características da contemporaneidade, têm impulsionado pesquisas sobre suas implicações sociais, como os efeitos da fluidez informacional e das novas formas digitais de circulação sobre os processos de produção e disseminação documental.

Um dos teóricos sobre o tema é Bernd Frohmann, cuja abordagem da materialidade deriva de reflexões sobre os impactos das tecnologias e as relações entre práticas

documentárias e fenômenos socioculturais. Seus estudos integram a “neodocumentação”, corrente surgida no fim do século XX que retoma fundamentos formulados décadas antes por Paul Otlet e Susanne Briet, especialmente a ideia de que objetos materiais podem ser considerados documentos (Frohmann, 2024).

Para Frohmann, a materialidade vai além do suporte físico: é central para compreender a produção, circulação e interpretação da informação. Ao abordar seus efeitos sociais, materiais e institucionais (Frohmann, 2008a), inserindo-os em uma noção ampliada de política de informação (Frohmann, 1995), o autor recorre à analogia com conceitos da física moderna. Essa materialidade se manifesta de múltiplas formas, em oposição à concepção de uma informação imaterial, mentalista e uniforme (Frohmann, 2007).

Dada a polissemia da palavra “materialidade”, considera-se relevante examinar a trajetória que dá forma ao conceito em Frohmann, revisitando tradições filosóficas que atribuem centralidade à matéria. Para isso, este trabalho propõe seguir parte do itinerário conceitual de Frohmann, articulando-o a duas perspectivas teóricas: o materialismo histórico-dialético e a materialidade do discurso. Busca-se explicitar como o percurso contribui para uma concepção ampliada de matéria, essencial à compreensão da informação em suas dimensões institucionais, históricas e políticas. A intenção, assim, é colaborar para uma retomada crítica do protagonismo documental, problematizando leituras que privilegiam a imaterialidade dos fluxos informacionais e concepções mentalistas centradas na cognição e seus produtos.

Adota-se abordagem ensaística, baseada em revisão narrativa de literatura que, com tal característica, não se pretende sistemática (Rother, 2007). Além da introdução, o texto organiza-se em três seções. A primeira examina a origem e os sentidos históricos e filosóficos do termo “matéria”. A segunda aborda o materialismo, com foco na tradição histórico-dialética e sua concepção ampliada de materialidade, enraizada nas condições concretas de existência. A terceira discute a noção foucaultiana de materialidade do discurso e seu diálogo com a “ontologia documentária” frohmanniana. Conclui-se com a análise da relevância do conceito de materialidade para a compreensão dos processos informacionais contemporâneos.

2 MATÉRIA

A palavra “matéria” remonta ao grego *húlē*, originalmente associado a “madeira” e “floresta” e traduzido em latim como *silva* ou *materia*, indicando a madeira utilizada para construção, distinta de *lignum*, a lenha para queimar. A acepção latina se aproxima do elemento mórfico indo-europeu *matr-* (“mãe”), associado ao tronco como origem de rebentos e, por extensão, à madeira como base estruturante (Agamben, 2015, p. 130).

Na filosofia grega, *húlē* designa a substância fundamental do mundo físico, conceito que Aristóteles transpõe ao plano metafísico como uma das causas do ser das coisas (Angioni, 2007). Para ele, a matéria é substrato ou potencialidade, princípio passivo e indeterminado, incapaz de conferir identidade às coisas. Essa função cabe à “forma” (*eîdos*), princípio ativo que dá identidade e estrutura à matéria. Nesse sentido, a matéria é “a possibilidade pura, o ‘sem forma’ que pode receber ou conter todas as formas e da qual a forma é, de algum modo, o traço” (Agamben, 2015, p. 130).

A passagem de *húlē* como “madeira”, tangível, perceptível pelos sentidos, para “matéria”, princípio abstrato e metafísico, que carece de identidade fixa até ser definido pela forma, estabeleceu uma visão da realidade que influenciou séculos de pensamento. A filosofia escolástica incorporou o modelo aristotélico aos princípios da religião (Angioni, 2007). A partir do século XVII, o Humanismo, a redescoberta dos textos da antiguidade e o desenvolvimento das ciências naturais promoveram mudanças profundas.

Menezes (2023) observa que essa herança conceitual, em que a matéria (*húlē*), “pura potência” e “sem forma”, é receptáculo passivo para a forma (*eîdos*), sustenta também a associação etimológica entre *informatio* (“dar a forma”) e *informis* (“privação da forma”), decisão histórica que privilegiou o ato formador e relegou o informe à marginalidade.

Embora o aristotelismo-escolástico ainda fosse relevante, novos paradigmas mecanicistas e experimentais ganharam força. Nesse cenário, consolidou-se no século XVIII o uso do termo “materialista” para identificar pensadores iluministas que consideram a matéria como fundamento da realidade, como Diderot e La Mettrie (Bloch, 1990).

3 MATERIALISMO

O Iluminismo consolidou a visão de que a matéria deveria ser compreendida cientificamente, sem referência a essências metafísicas ou explicações sobrenaturais. Essa mudança pavimentou o caminho para o positivismo e para o materialismo científico do século

XIX, afastando a visão aristotélica-escolástica de matéria como algo subordinado à forma e à teleologia.

Nesse período, as reflexões filosóficas seguem fundamentadas nas concepções e relações entre *húle* e *eîdos*. Este último termo, que originou a “forma” aristotélica, também é a raiz etimológica de “ideia”, palavra que está na base do idealismo, em oposição ao materialismo. Freixo (2020) destaca que, a partir do século XVIII, o conceito de matéria passou a ocupar um lugar central nas disputas teóricas, estabelecendo-se como alternativa à primazia da consciência e à noção da mente como fundamento da análise científica.

A matéria, juntamente com as consequências que dela derivam, apresentava-se como elemento ou condição a partir do qual os fenômenos e as relações poderiam ser explicados por meio de procedimentos claros e distintos, como já preconizava, no século XVII, Descartes (1996), em compromisso com a objetividade do método e com a força e a segurança das evidências apreendidas no campo da exterioridade.

No século XIX, Marx e Engels reformularam o idealismo hegeliano e desenvolveram o materialismo histórico-dialético. Para fundamentar sua análise das relações sociais de produção, estabeleceram um entendimento de matéria recorrendo ao exame das transformações do conceito desde a filosofia da natureza em Demócrito e Epicuro e nos sucessivos embates entre correntes metafísicas e idealistas ocorridos desde o Iluminismo (Freixo, 2020).

Para eles, a matéria não é apenas uma substância física, um elemento passivo da realidade, mas o próprio fundamento do desenvolvimento histórico e social, que inclui as relações sociais e os modos de produção. A materialidade, qualidade daquilo que é relativo à matéria, não é apenas um dado natural, mas uma construção histórica e social, fundamental para entender a estrutura e as transformações da sociedade.

Introduz-se, então, um conceito de materialidade que envolve as relações sociais, os modos de produção e as estruturas econômicas. É essa base material da sociedade, carregada com as condições concretas de existência, que condiciona a superestrutura, abrangendo instituições, política, cultura e ideologia, fazendo com que as condições materiais de produção determinem o curso dos acontecimentos históricos.

4 MATERIALIDADE

Essa visão influenciou diversas áreas, incluindo, no século XX, o pensamento de Michel Foucault, cuja obra evidencia a preocupação com as condições materiais da existência e do poder, dialogando, ainda que em tensão, com o materialismo histórico (Balibar, 1992). Foucault desloca o foco da economia para as práticas discursivas e institucionais que conformam corpos, saberes e condutas nos dispositivos de poder (Olssen, 2004).

A análise do discurso foucaultiana, da qual o método arqueológico é uma modalidade (Castro, 2009), interroga “as condições de possibilidade da emergência de uma formação discursiva até que se possa chegar às suas regras de constituição” (Meirelles, 2019, p. 30). Para Foucault (2008, p. 122), o discurso é um “conjunto de enunciados que provém de um mesmo sistema de formação [composto por] um número limitado de enunciados para os quais se pode definir um conjunto de condições de existência” (Foucault, 2008, p. 132). O discurso não é apenas um conjunto de palavras ou ideias abstratas que produz efeitos institucionais concretos. Sua materialidade está no modo como regula comportamentos e organiza o mundo social.

A materialidade, para Foucault, articula-se aos discursos e práticas sociais que regulam a vida. Instituições como prisões, clínicas e escolas expressam formas materiais de poder, sustentadas por discursos que as legitimam. Em “A arqueologia do saber” (Foucault, 2008), ele analisa como práticas discursivas (linguagem, ideias, sistemas de saber) se estruturam materialmente em instituições. O saber se materializa em livros, arquivos, escolas, hospitais e outras instâncias sociais que codificam e sistematizam o conhecimento.

O discurso não é uma unidade, mas contém um sistema de regularidades discursivas sustentado por enunciados. A materialidade do enunciado está em suas possibilidades de reinscrição e transcrição, uma repetitividade institucional, não sensível nem qualitativa. O campo de estabilidade dado pelo discurso assegura existência e materialidade ao enunciado (Meirelles, 2019). Inserido em um regime institucional, o enunciado articula-se “com uma materialidade que é própria das instituições, e que lhe garante possibilidades de reinscrição e de transcrição” (Freixo, 2020, p. 20). Esse regime define limites e possibilidades institucionais, mais do que localizações espaço-temporais (Foucault, 2008).

Ao ser reinscrito em práticas institucionais, o enunciado se materializa e participa de jogos de poder que, para Frohmann, extrapolam a dupla referência foucaultiana de *épistémé*

e dispositivo (González de Gómez, 2012). Ele amplia essa abordagem com a teoria ator-rede de Callon e Latour (Frohmann, 1995) e com o agenciamento de Deleuze (Rabello, 2022). Essas influências, declaradamente associadas ao estudo da agência múltipla, material e autônoma da documentação (Frohmann, 2007), foram empregadas em investigações sobre ética, ontologia e política documentária (Frohmann, 2008b) e sobre ética em redes digitais (Frohmann, 2018).

Foucault apropria-se de aspectos da tradição materialista, mas propõe abordagem própria, centrada na materialidade do poder, do saber e das práticas. Para ele, a materialidade não reflete apenas as condições econômicas, mas também se constrói historicamente nas instituições, práticas e discursos.

Frohmann (2024) adota essa perspectiva e aplica-a às ciências da informação e da documentação. Questiona a primazia da consciência e da subjetividade humanas, destacando a centralidade da materialidade nos processos de saber e poder. Critica a ideia de informação como “conteúdo abstrato e universal”, desvinculado das condições concretas de produção e circulação – perspectiva igualmente problematizada por Derrida (1973), para quem não há “conteúdo” puro anterior ao registro: todo signo é traço cuja materialidade, fundada na diferença e na ausência, é inseparável da possibilidade de repetição que o reinscreve em novos contextos.

A concepção de informação como portadora de conteúdo semântico e de documento como objeto simbólico, dotado de suporte, forma e conteúdo, insere-se no processo comunicativo intersubjetivo, que atribui sentido aos conteúdos em contextos específicos. Rabello (2022) observa que as ciências da informação e da documentação têm se dedicado, tradicionalmente, ao estudo dos documentos como portadores de informação, vinculados à realidade por meio da representação (técnica) de conteúdos.

Sob esse viés, a tradicional representação (inscrição) e acesso à representação de algo com conteúdo semântico não permite, em determinados cenários, alcançar a potencialidade, analítica e operacional, do processo informacional em sua complexidade, pois desconsidera, por exemplo, a articulação entre as dimensões epistêmica, política e ética (Rabello, 2022). Frohmann, ao se apropriar e ampliar o conceito foucaultiano, aborda a materialidade da informação e do documento, justamente, a partir dessas relações.

Lara (2014) mostra que, ao revisitar Otlet, Frohmann critica sua visão abstrata da informação, embora reconheça os vínculos sociais. Enquanto Otlet propõe extrair o conteúdo

essencial dos documentos para representá-los, Frohmann destaca a perda da dimensão material e simbólica nessa operação. Ele propõe explorar a tensão produtiva entre materialidade e função representacional, suprimida por visões que reduzem os documentos a suportes neutros (Frohmann, 2024). Nessa perspectiva, a materialidade documental não se resume a suportes físicos – inclui práticas, infraestruturas e relações de poder. Assim como, para Foucault, o discurso não existe sem condições materiais, para Frohmann a informação não existe alheia a condições sociais, institucionais e tecnológicas.

Essa trajetória teórica, ao recuperar tradições que atribuem centralidade à matéria, reverbera em análises contemporâneas como a de Menezes (2023) sobre implicações sociais e de gênero da decisão histórica que privilegiou o “dar a forma” em detrimento da “privação da forma” na ontologia da informação, evidenciando como tal escolha molda hierarquias simbólicas e materializa exclusões no pensamento informacional.

Um dos diferenciais da “neodocumentação” consiste na ênfase do estudo do processo de gerar e ampliar os efeitos da materialidade da informação, mediante a investigação do “processo ou práticas de documentar ou, numa palavra, documentação” (Rabello, 2022, p. 2). Para Lara (2014, p. 3), Frohmann aborda as práticas com os documentos, “como um gênero de prática social que depende das especificidades de cada uma delas”, tomando por base o conceito foucaultiano de práticas discursivas, que correspondem a:

[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma época dada e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições do exercício da função enunciativa (Foucault, 2008, p. 133).

A materialidade da informação depende dessas práticas documentárias, estabelecidas “com ela e a partir dela” sob mediação institucional (Zammataro; Albuquerque, 2021). Frohmann (2008a, p. 5) destaca que, ao aplicar o conceito foucaultiano de materialidade dos enunciados, percebe-se que os documentos que circulam dentro e entre as instituições possuem uma “materialidade pronunciada”. Isso se manifesta no esforço necessário para produzi-los, instituir práticas relacionadas a eles, substituí-los por outros documentos e transferi-los entre diferentes instituições.

Essa densidade operacional aproxima-se, em certo sentido, da materialidade simbólica e performativa da escrita discutida por Derrida (1973), cuja repetibilidade assegura a permanência e a agência do enunciado. Nesse sentido, a *iterabilidade*, condição de todo signo

de poder ser repetido e reinscrito em contextos distintos, revela que essa agência decorre de uma materialidade instável e múltipla, que opera mesmo na ausência de um significado ou presença fixos.

Frohmann (2012) sustenta que um documento só se torna informativo quando submetido a práticas documentárias específicas. Esse princípio fundamenta sua proposta de uma “ontologia documentária” (Frohmann, 2008b), baseada em materialidade, institucionalidade, disciplina social e historicidade, revelando estreita relação entre documento e contexto (Amorim; Rabello, 2023). O documento assume, assim, dupla função: é sujeito e objeto, agente e produto de efeitos sociais. Para Meirelles (2019, p. 28):

[...] sua materialidade depende de plataformas autorizadas de enunciação – instituições, que lhe emprestam autoridade e, também, estabilidade. Esta positividade permite que o documento seja agente na formação de conhecimento sobre o homem e o social.

Ferrando e Freitas (2017, p. 10) observam que Frohmann adota uma “perspectiva relacional do documento”, destacando “as relações entre a sociedade e os documentos nela produzidos, a partir de um efeito de informação gerado pela agência do documento”, sendo essa agência “o poder que o documento tem de afetar as práticas sociais, ou seja, os efeitos de informação do documento”.

Essa agência, entendida por Frohmann como documentalidade, refere-se a um sistema dinâmico continuamente reconfigurado pelos contextos das práticas documentárias (Meirelles, 2019). A materialidade envolve elementos que ganham autonomia com o uso, sendo transformados pelas situações que mobilizam o documento (Lara, 2014).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto investigou as origens e implicações teóricas do conceito de materialidade em Bernd Frohmann, articulando-o a tradições filosóficas e sociológicas que o influenciam. A partir da análise histórica do termo “matéria”, do materialismo histórico-dialético e da materialidade do discurso em Michel Foucault, evidenciou-se como essas perspectivas sustentam a “ontologia documentária” frohmanniana e sua relevância para os estudos informacionais.

A gênese filosófica da matéria, das origens etimológicas à oposição entre matéria e forma, revelou como o embate entre materialismo e idealismo marcou o pensamento

moderno, desde a separação platônica entre corpo e alma até o materialismo histórico-dialético, que incorpora relações sociais, modos de produção e estruturas econômicas. A apropriação crítica e não ortodoxa dessa tradição por Foucault resultou em um regime de materialidade centrado nas práticas discursivas e institucionais, deslocando o foco das dimensões estritamente econômicas para as condições históricas e enunciativas que organizam saberes e poderes, bem como nas tensões que emergem dos agenciamentos.

Frohmann retoma essas contribuições e as reinscreve nas ciências da informação e da documentação, ao afirmar que documentos e informação só ganham sentido se compreendidos em sua dimensão material, nas práticas e nos contextos sociais. O documento deixa de ser mero suporte para atuar como operador de práticas e de poder. Ao revisitar a documentação otletiana e focalizar o campo informacional, Frohmann redefine o documento, conferindo-lhe centralidade teórica e metodológica. Essa abordagem propõe um deslocamento epistemológico ao substituir uma “ontologia da informação” abstrata por uma perspectiva que integra dimensões físicas, institucionais e discursivas.

A materialidade, conforme discutida, emerge como conceito-chave para compreender os processos informacionais contemporâneos, abrangendo aspectos físicos, técnicos, regimes de verdade e enunciação, bem como condições históricas e institucionais que sustentam a existência e circulação da informação. Fundado em tradições filosóficas e sociológicas, esse conceito oferece bases para repensar fundamentos teóricos e metodológicos das ciências da informação e da documentação, contribuindo para a análise crítica de fenômenos como digitalização, circulação em redes e regimes de verdade que moldam a produção documental. Entre as implicações, destaca-se o potencial de orientar investigações sobre agência dos documentos, suas relações com o poder e implicações sociais das práticas documentárias, fortalecendo o diálogo interdisciplinar e ampliando as fronteiras de pesquisa na área.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. Do livro à tela: o antes e o depois do livro. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, n. 9, p. 119–132, 2016.

AMORIM, A. K. A.; RABELLO, R. A materialidade da informação em Bernd Frohmann. **Ibersid**, Zaragoza, v. 17, n. 1, p. 103-113, jan./jun. 2023.

ANGIONI, L. A noção aristotélica de matéria. **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, Série 3, v. 17, n. 1, p. 43–62, jan./jun. 2007.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

BALIBAR, E. Foucault and Marx: the question of nominalism. *In*: LOTY, L. (ed.). **Michel Foucault philosopher**. New York: Routledge, 1992. p. 38-56.

BLOCH, O. **Il materialismo**. Milano: Marzorati, 1990.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERRANDO, T. L.; FREITAS, L. S. Documento e dispositivo: entre Bernd Frohmann e Michel Foucault. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: ANCIB; Unesp, 2017.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREIXO, E. A etiologia da materialidade na teoria discursiva de Michel Foucault. **Aurora**, Marília, SP, v. 13, n. 2, p. 9-26, jul./dez. 2020.

FROHMANN, B. A documentação rediviva: prolegômenos a uma (outra) filosofia da informação. **Morpheus: Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, [s. l.], v. 9, n. 14, p. 227-249, 2012.

FROHMANN, B. Documentary ethics, ontology, and politics. **Archival Science**, [s. l.], v. 8, n. 165, 2008b.

FROHMANN, B. Multiplicity, materiality, and autonomous agency of documentation. *In*: SKARE, R.; LUND, N. W.; VÁRHEIM, A. (org.). **A document (re)turn: contributions from a research field in transition**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2007. p. 27-39.

FROHMANN, B. O caráter social, material e público da informação. *In*: FUJITA, M.; MARTELETO, R.; LARA, M. (org.). **A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008a. p. 13-36.

FROHMANN, B. Reference, representation, and the materiality of documents. *In*: MARTELETO, R.; COUZINET, V.; THIESEN, I.; SALDANHA, G. S.; FRAYSSE, P. (org.). **A rede franco-brasileira Mussi: 16 anos de pesquisas**. v. 1. Brasília: Editora Ibict, 2024. p. 127-141.

FROHMANN, B. Taking information policy beyond information science: applying the actor network theory. *In*: ANNUAL CONFERENCE OF THE CANADIAN ASSOCIATION FOR INFORMATION SCIENCE (CAIS/ACSI), 23., 1995, Edmonton- Alberta. **Anais [...]** Edmonton- Alberta: CAIS, 1995.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Regime de informação: construção de um conceito. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 22, n. 3, p. 43-60, set./dez. 2012.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

LARA, M. L. G. Documentação, materialidade e práticas documentárias. *In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DA REDE FRANCO-BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM MEDIAÇÕES E USOS SOCIAIS DE SABERES E INFORMAÇÃO – REDE MUSSI, 3., 2014, Salvador. **As transformações do documento no espaço-tempo do conhecimento.** Salvador: UFBA, Instituto de Ciência da Informação, 2014. v. 1.*

MEIRELLES, M. B. Documento, documentação e documentalidade: a teorização de Bernd Frohmann. *In: MEIRELLES, M. B. **Documento, objeto em disputa:** a busca pela materialidade documental para a realização de direitos homoafetivos. Rio de Janeiro, 2019. 198 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.*

MENEZES, V. S. A mulher como informe: uma maculatura desclassificada na tipografia do informar. **Liinc em Revista**, v. 14, n. 2, p. 408-420, 2018.

OLSEN, M. Foucault and Marxism: rewriting the theory of historical materialism. **Policy Futures in Education**, [s. l.], v. 2, n. 3/4, p. 454–482, 2004.

RABELLO, R. Práticas documentárias em regimes de materialidade. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2022, Porto Alegre. **Anais [...].** Porto Alegre: ANCIB, 2022.*

ROTHER, E. T. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, [s. l.], v. 20, n. 2, abr./jun. 2007.

ZAMMATARO, A. F. D.; ALBUQUERQUE, A. C. Os conceitos de informação, documento e regime de informação a partir da perspectiva frohmanniana na Ciência da Informação: uma revisão sistemática da literatura em periódicos brasileiros. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da informação**, Campinas, SP, v. 19, n. 00, p. e021008, 2021.